

**O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E AS REPRESENTAÇÕES DO
CONTINENTE AFRICANO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Alerrandson Afonso Melo Pinon
Professor de História/Mestrando
em ensino de História da UFPA
Email: alerrandson@gmail.com

Luiz Augusto Pinheiro Leal
Professor Doutor da UFPA
Email: augustoleal@ufpa.br

RESUMO

A pesquisa pretende relatar uma experiência de interpretação das representações do passado africano no pensamento histórico dos alunos na escola de educação básica Helder Fialho Dias da prefeitura municipal de Belém. Operando com os conceitos de consciência histórica e cultura histórica a partir das formulações teóricas do historiador Jörn Rüsen, o objetivo foi entender quais sentidos foram atribuídos ao passado da África e de suas relações com o Brasil para que a partir desse entendimento fosse possível desenvolver estratégias de ensino que visem educar as relações étnico-raciais e orientar o aprendizado histórico, ou seja, o processo de interpretação e atribuição de sentido ao passado. Os resultados demonstraram que ainda prevalecem no pensamento histórico da maioria dos alunos participantes da pesquisa os estereótipos e ideias preconcebidas sobre a História da África com o predomínio das representações que associam a História da África à História da escravidão.

Palavras chaves: Consciência histórica, História da África. Cultura histórica.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz parte da produção de uma dissertação de mestrado em ensino de História da Universidade Federal do Pará em andamento, onde procuramos compreender que tipos de representações do continente africano e sua História vêm sendo reproduzidas e prevalecem em sala de aula. Segundo Oliva (2008, p. 3) é urgente “que se faça uma revisão da perspectiva eurocêntrica do ensino de História”. Não podemos mais abordar a História da África e dos africanos como um apêndice da História europeia e brasileira ligada sempre a temáticas como a da escravidão, do

domínio colonial e das graves crises econômicas, sociais e políticas em que foram inseridos boa parte dos países africanos criados no século XX.

É preciso entender que as narrativas históricas difundidas através dos materiais didáticos e das aulas dos professores nas escolas são de fundamental importância para gerar representações no pensamento histórico dos alunos. Talvez o poder de influência das narrativas históricas escolares na formação do pensamento histórico de nossos discentes não tenha o mesmo nível de influência que as narrativas da mídia, das redes sociais do cinema e da TV, porém, não há dúvida “que as narrativas escolares possam contribuir para orientar os discentes na atribuição de outros sentidos à História da África e dos africanos” (OLIVA, 2008, p. 3). Dessa forma, buscaremos analisar quais são as representações sobre a África e a ancestralidade afro-brasileira na consciência histórica dos alunos da escola municipal Helder Fialho Dias da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Belém (SEMEC). A perspectiva é que a partir da compreensão de como a África é representada no pensamento histórico dos alunos, seja realizada uma estratégia de intervenção que oriente a o aprendizado histórico dos discentes levando-os a compreender a África a partir de suas diversidades e contradições partindo de um pressuposto de iniciar as narrativas a partir da própria África, e não a partir das narrativas mestras eurocêntricas. Isso nos leva a refletir sobre “o perigo de uma História única” que foi abordado pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie.¹ Em conferência proferida no Reino Unido em 2009 a referida escritora contou um pouco de sua trajetória de vida. Ela relatou sua experiência enquanto mulher africana que cursou faculdade nos Estados Unidos, onde sentiu na pele os estereótipos e preconceitos frutos da literatura ocidental que gera representações homogeneizadoras sobre o continente africano. O relato da escritora nigeriana sobre sua relação com sua colega de quarto estadunidense exemplifica bem a questão:

Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando eu disse que, por acaso, a Nigéria tinha o inglês como sua língua oficial. Ela perguntou se podia ouvir o que ela chamou de minha “música tribal” e, conseqüentemente, ficou muito desapontada quando eu toquei minha fita da Mariah Carey. (Risos da plateia) O que me impressionou foi que: ela sentiu pena de mim antes mesmo de ter me visto. Sua posição padrão para comigo,

¹ Ver em: <<https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>>

como uma africana, era um tipo de arrogância bem intencionada, piedade. Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África. (...) Se eu não tivesse crescido na Nigéria e se tudo que eu conhecesse sobre a África viesse das imagens populares, eu também pensaria que a África fosse um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas incompreensíveis, lutando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por elas mesmas e esperando serem salvos por um estrangeiro branco e gentil.

Dessa maneira, ao criar narrativas sobre a África no ensino de História devemos ficar atentos em que tipos de representações do continente e sua História estão sendo reproduzidas em sala de aula. Ao apenas reproduzir as narrativas mestras sobre a África no ensino de História corremos o risco de cair na armadilha da História única e ao invés de quebrar os estereótipos e combater os preconceitos, estaríamos apenas reforçando-os.

Segundo o historiador Joseph Ki-Zerbo a maioria das narrativas sobre a História da África escritas até os dias de hoje, foram elaboradas por não africanos, e segundo ele:

Esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro. (KI-ZERBO, 2010, p. 32)

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa operou com o conceito de consciência histórica na perspectiva do historiador Jörn Rüsen (2001, 2006, 2009, 2015). Ele define consciência histórica como “um conjunto de operações mentais pelas quais os homens orientam e interpretam sua experiência no tempo e no espaço, nas diversas circunstâncias da vida prática”. (RÜSEN, 2001, p.57).

Portanto, entendemos o conceito de consciência histórica como a autoconsciência de saber-se estar no mundo, onde as pessoas interpretam o passado no presente e o tornam histórico, algo que pode ser realizado muito além do espaço da sala de aula, mas em outros contextos sociais onde estamos inseridos: no ambiente familiar, nos espaços públicos, no cinema, no mundo virtual. Contudo, investigar os referenciais de formação da consciência histórica significa investigar aquilo que foi denominado de cultura histórica. A cultura histórica é responsável pela “atribuição de sentido ao passado, e

este processo, que se constrói no processo interpretativo da consciência histórica pode ocorrer a partir de cinco dimensões: cognitiva, estética, política, moral e religiosa” (RÜSEN, 2015, p. 235).

A dimensão cognitiva se caracteriza na forma científica de se representar o passado humano que tem como seu principal critério de atribuição de sentido a busca pela verdade, ou a pretensão de alcançar a verdade através da narrativa científica, que pode se materializar na historiografia, ou nos livros didáticos, por exemplo.

No caso da dimensão estética, está ligada com as representações do passado que tomam a sensibilidade humana e a beleza das coisas como critério de atribuição de sentido. Seriam as interpretações do passado feitas a partir de um programa de televisão, de uma música, de um monumento, de quadros de um museu, a partir das belezas naturais, entre outros. Em relação à dimensão política, pode se caracterizar quando as narrativas sobre o passado descrevem lutas sociais de resistência, rupturas de ordem social, e manutenção e quebra de ordens políticas. No que se refere à dimensão moral, ela atribui sentido ao passado a partir das normas éticas e morais válidas na cultura atual. Finalmente, no que concerne à dimensão religiosa, a atribuição de sentido ao passado está ligada ao sentido da vida e sua inevitável finitude. Aqui o critério de atribuição de sentido se pauta na busca da salvação diante da inevitabilidade da morte.

Portanto, vimos que a cultura histórica é decisiva para moldar a consciência histórica das pessoas e formar seus pensamentos históricos. Compreender como os discentes interpretam e atribuem sentido ao passado buscando orientação na vida prática nos remeter ao campo investigativo da Didática da História, “que é considerada como a ciência do aprendizado histórico e que tem por objetivo investigar a cultura histórica no contexto geral da vida dos seres humanos em sociedade” (RÜSEN, 2006, p.16). A Didática da História analisa como as pessoas se apropriam do passado, e no caso de um ambiente escolar, como alunos e professores atribuem sentido às narrativas passadas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O ambiente de aplicação das pesquisas sobre as representações do passado da África e dos africanos foi a escola Helder Fialho Dias da Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SEMEC Belém que está localizada na rua das orquídeas, bairro da Brasília no distrito de Outeiro. A escola atende a comunidade do bairro da Brasília ofertando turmas de Educação Infantil, Ensino fundamental anos iniciais e finais (do 1º ao 9º ano), e de EJA (3ª e 4ª etapas do ensino fundamental).

O procedimento metodológico da pesquisa realizou-se a partir da aplicação de um questionário de pesquisa diagnóstica intitulado “Os saberes históricos sobre a África e os africanos” que foi fornecido aos alunos em sala de aula onde eles responderam perguntas abertas sobre a História da África, o povo africano, e o continente africano e suas relações com o Brasil. Segundo Gil (2008, p. 08) “as questões abertas exigem repostas das próprias palavras dos participantes, onde eles deveriam recorrer apenas aos seus conhecimentos prévios”. Neste sentido, a finalidade da pesquisa diagnóstica foi realizar a captação da consciência histórica dos discentes. Segundo Otto e Maciel (2016, p. 231) que aplicaram uma pesquisa com perguntas abertas para alunos do sexto, sétimo e oitavo ano do Ensino Fundamental, “a partir da análise das respostas foi possível identificar os diferentes sentidos históricos produzidos pelos alunos a respeito da História da África e da cultura afro-brasileira”. Já Moreno (2016, p. 306) aplicou esse tipo de atividade para uma turma do oitavo ano do Ensino Fundamental com a perspectiva de entender qual a percepção dos discentes sobre a África e os africanos a partir das aulas de História. A pesquisadora concluiu que “a atividade auxiliou na compreensão mais elaborada das relações estabelecidas pelos alunos em relação ao tema”.

Apliquei três perguntas abertas, que demandavam respostas de orientação pessoal, devendo os participantes recorrer aos seus saberes prévios e experiências adquiridas no dia a dia assistindo televisão, no convívio familiar, frequentado a escola, e outras situações cotidianas. Em média os alunos levaram de quinze a trinta minutos para responder as perguntas. O objetivo foi entender quais as representações da África na consciência histórica dos alunos e que sentido eles atribuíam ao interpretar o passado africano.

Para aplicar o instrumento de pesquisa tomei como base as diretrizes da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde na qual se ampara o Comitê de Ética em Pesquisa do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará (UFPA). Segundo essas diretrizes, a pesquisa com seres humanos deve ser precedida de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O TCLE é um documento que informa e esclarece os Participantes de uma pesquisa de maneira que eles possam tomar a decisão sobre a participação ou não em uma pesquisa. No documento devem ser prestadas as seguintes informações: título da pesquisa, instituição a qual pertence o pesquisador e informações sobre o objetivo da pesquisa.

Deve também demonstrar de forma clara a metodologia e qual o papel do participante, e dar informações sobre o caráter voluntário, sigiloso e facultativo da participação na atividade, deixando aberta a possibilidade do participante se retirar da pesquisa a qualquer momento sem prejuízo. No final do documento, deve ter um campo para assinatura do sujeito participante onde ele declara estar de acordo e ciente dos objetivos da pesquisa e autoriza o pesquisador a utilizar as informações prestadas. O TCLE deve ser impresso em duas vias sendo que uma deve ficar com o participante.²

A aplicação do questionário de pesquisa foi realizada no mês de janeiro de 2019, bem no início do ano letivo, com o objetivo de captar o pensamento histórico dos discentes antes de qualquer atividade de intervenção. O público alvo foram duas turmas do sexto e duas do sétimo ano do ensino fundamental da escola municipal Helder Fialho Dias, onde atuo como professor de História. No total, 77 alunos consentiram com a pesquisa. As perguntas aplicadas foram: “O que você sabe ou já ouviu falar sobre a África?”; “Você acha que a África tem alguma relação com o Brasil?”; “O que você estudou (leu ou assistiu aula) sobre a História da África e dos africanos na sua escola?”.

Os parâmetros de análises das respostas dos alunos foram os seguintes: sentido positivo sobre a África, sentido negativo sobre a África, desconhecimento do tema, dimensões de atribuição de sentido ao passado a partir da cultura histórica. Foram enquadradas no parâmetro sentido positivo, narrativas que caracterizem a África como um espaço que

² Sobre as normas de elaboração de um TCLE ver em:
<<http://www.cepnmt.ufpa.br/index.php/apresentacao/2-uncategorised/50-tcle.html>>

tem bastante História e cultura e busquem representar o continente a partir do reconhecimento de suas potencialidades culturais, políticas e sociais, superando as ideias preconcebidas e os estereótipos fruto das narrativas eurocêntricas. No que se refere aos sentidos negativos, se enquadram neste padrão as narrativas que associam a África e os africanos à escravidão, e a um contexto de fome, guerras e misérias, onde fica possível identificar que a História da África e dos africanos é representada a partir da narrativa mestra da escravidão. O desconhecimento do tema se caracteriza por respostas como “não sei” ou “nunca ouvi falar”, quando ocorrer desinteresse em responder adequadamente. Já as dimensões de atribuição de sentido positivo ou negativo ao passado africano são aquelas geradas a partir da cultura histórica: cognitiva, estética, política, moral e religiosa.

RESULTADOS

O público alvo foram as turmas em que atuo como professor de História no ano letivo 2019 na escola Helder Fialho Dias, que são as seguintes: pelo turno da manhã um sexto ano, aqui como 6º ano A; pelo turno da tarde um sexto e dois sétimos

| | |
|-----------------------------------|----------|
| Sentido cognitivo positivo | 3 |
| Sentido cognitivo negativo | 9 |

anos, que serão identificados aqui como 6º ano C, 7º ano B e 7º ano C. Em cada uma dessas turmas leciono quatro aulas por semana com cada uma delas tendo duração de quarenta e cinco minutos. Demonstrarei apenas alguns dados sobre a pesquisa com as turmas 6º ano A e 6º ano C para fundamentar a análise dos resultados.

Ao analisar as narrativas dos alunos da turma 6º ano A foi possível constatar a recorrência das seguintes atribuições de sentido:

Tabela 1 – Atribuição de sentido ao passado (alunos da turma 6º Ano A)

| | |
|---------------------------------------|---|
| Sentido estético positivo | 4 |
| Sentido estético negativo | 1 |
| Sentido político positivo | 1 |
| Sentido moral positivo | 2 |
| Sentido moral negativo | 2 |
| Sentido religioso negativo | 0 |
| Desconhecimento do tema | 4 |

Fonte: Questionários de pesquisa diagnóstica: os saberes históricos sobre a África e os africanos.
Nota: aplicado pelo pesquisador Alerrandson Afonso Melo Pinon no mês de janeiro de 2019.

Entre os alunos da turma 6º ano A prevaleceu a representação sobre o passado africano que atribuía sentido negativo a partir da dimensão cognitiva, sendo que ao todo, nove narrativas se enquadraram neste parâmetro. Na prática, o que foi constatado nestas narrativas foi a fundamentação amparada na narrativa mestra que compreende a História da África e dos africanos a partir da visão eurocêntrica da História da escravidão. Na narrativa da maioria dos discentes a História da África e dos africanos remete diretamente as narrativas mestras da escravidão.

O segundo sentido mais recorrente foi o sentido estético positivo com quatro narrativas, onde a África é retratada a partir de suas belezas naturais, vida selvagem, e riqueza

cultural. Também ocorreram quatro narrativas que se caracterizaram como desconhecimento do tema e desinteresse pela pesquisa. Três narrativas atribuíram sentido cognitivo positivo ao passado africano, onde a representação do passado africano formou-se a partir de conhecimentos prévios com diferentes referenciais que superaram a narrativa mestra da escravidão e as ideias preconcebidas e estereotipadas sobre a África e os africanos.

Também houve a ocorrência de duas narrativas de sentido moral positivo, duas de sentido moral negativo, uma de sentido estético negativo e uma de sentido político negativo. Vale ressaltar, que uma mesma narrativa pode apresentar sentidos diferentes sobre o tema, pois algum discente, por exemplo, pode saber relacionar a África com o Brasil (sentido cognitivo positivo), mas, fez isso a partir da narrativa da História da escravidão (sentido cognitivo negativo). É interessante demonstrar e analisar a representação criada pela narrativa de uma aluna ao responder as questões do questionário:

Aluna E. C. B – 13 anos

Questão um: Não sei muita coisa sobre a África, mas, acho que tem duas partes da África, a parte rica com muitos animais e riquezas e a parte com pobreza, doenças e pessoas passando fome.

Questão dois: Os africanos foram trazidos para o Brasil, então isso mudou muito o Brasil. Observação: eu falo “trazidos” mesmo.

Questão três: Nada. Sobre a cultura africana só sei que os africanos foram trazidos para o Brasil para serem feitos de escravos e que eles são negros e por isso, foram alvo de muito preconceito.

A aluna atribuiu sentido a partir de uma dimensão cognitiva, demonstrando ter referenciais diferenciados para formar um pensamento sobre a África. Sua narrativa revelou tanto um sentido positivo (a existência de riqueza e belezas naturais) como um sentido negativo (pobreza, fome, doenças, escravidão). A sua narrativa também atribuiu sentido ao passado africano a partir da dimensão moral, onde ela identifica que os afro-brasileiros sofreram muito preconceito por serem negros, o que revela a reprovação do racismo em sua consciência histórica como um comportamento repreensível. Em síntese, a narrativa demonstra que a discente aprendeu a atribuir sentidos positivos à

África, porém, quando se refere ao povo africano prevalecem os conhecimentos adquiridos a partir da narrativa mestra da escravidão, revelando-se assim a necessidade de orientação para uma melhor conformação de seu pensamento histórico.

Ao analisar as narrativas dos alunos da turma 6º ano C foi possível constatar a recorrência das seguintes atribuições de sentido:

Tabela 2 – Atribuição de sentido ao passado (alunos da turma 6º Ano C)

| | |
|-----------------------------------|-----------|
| Sentido cognitivo positivo | 5 |
| Sentido cognitivo negativo | 14 |
| Sentido estético positivo | 7 |
| Sentido estético negativo | 2 |
| Sentido moral positivo | 4 |
| Sentido moral negativo | 1 |
| Desconhecimento do tema | 3 |

Fonte: Questionários de saberes históricos sobre a África e os africanos. Nota: aplicado pelo Afonso Melo Pinon no mês de janeiro de 2019.

pesquisa diagnóstica: os pesquisador Alerrandson de janeiro de 2019.

Na turma sexto ano C houve a ocorrência de quatorze narrativas que atribuíram sentido cognitivo negativo ao representar a História da África e dos africanos e suas relações com o Brasil. A maior causa da ocorrência desses sentidos cognitivos negativos se deu pelo fato das narrativas dos discentes está amparada na narrativa mestra da escravidão, onde há a Associação da História da África e dos africanos à História da escravidão.

Também gerou sentido negativo as representações da África como um lugar carente onde as pessoas passam necessidade. Ocorreram sete narrativas que atribuíram sentido estético positivo, aquele tipo que é gerado na consciência histórica quando o passado africano é representado a partir de belezas naturais e selvagens, apesar de que essa é uma imagem estereotipada que tem como contexto de formação na cultura histórica os programas televisivos sobre a África. Cinco narrativas atribuíram um sentido cognitivo positivo, ou seja, representaram a África a partir de vários conhecimentos prévios que se afastaram da clássica narrativa mestra eurocêntrica e das imagens estereotipadas. Também ocorreram: quatro narrativas que atribuíram um sentido moral positivo, três que demonstraram desconhecimento do tema, duas com sentido estético negativo, e uma com sentido moral negativo. Vejamos duas narrativas interessantes para analisar:

Aluna E. R. S. – 13 anos

Questão um: A África é um lugar quente cheio de culturas e tradições.

Questão dois: Sim, pois foi da África que vieram os escravos.

Questão três: Sobre o tempo em que eles eram escravos.

A narrativa realizou atribuição de sentido positivo a partir da dimensão estética, quando associa a África a um lugar com cultura e tradição. A narrativa deixa claro que o referencial de formação do pensamento histórico foi o espaço escolar, onde se reproduziu a narrativa mestra da escravidão, gerando um sentido cognitivo negativo, amparado nas narrativas mestras tradicionais de origem eurocêntrica.

Aluno J. V. L. – 14 anos

Questão um: O que eu tenho que falar sobre a África é que os africanos passam muita fome.

Questão dois: Não, porque o Brasil tem floresta e a África não tem floresta.

Questão três: Nada.

Nesta narrativa houve atribuição de sentido negativo a partir da dimensão cognitiva, pois representa a África como um lugar onde as pessoas passam fome e que não tem florestas ou recursos naturais. A narrativa deste discente deixa transparecer aquela

representação da África como um continente que foi espoliado e explorado pela prática colonialista, tipo de narrativa recorrente em livros didáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das representações sobre a História da África e dos africanos na consciência histórica dos alunos participantes da pesquisa constatamos a necessidade de orientação no aprendizado histórico, pois os resultados desta pesquisa demonstram que o pensamento histórico dos discentes ainda está orientado, em sua maioria, pelas narrativas mestras eurocêntricas que geram sentidos negativos sobre a História da África dos africanos. Este resultado nos dá a certeza que são necessárias propostas de intervenção que visem criar ousadas estratégias de ensino que visem superar os estereótipos e ideias preconcebidas sobre a África superando o ponto de vista eurocêntrico que cristaliza o pensamento histórico sobre a História da África como sinônimo da História da escravidão. Os desafios são enormes. Mas, precisamos continuar teorizando, pesquisando e produzindo novas perspectivas de ensino de História.

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do Projeto à Avaliação**. In: Para uma Educação de qualidade: Atas da Quarta jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED) Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004. P. 131-144.

CERRI, Luis. **Ensino de História e consciência histórica implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2011.

GIL, António Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. Editora Atlas S.A., São Paulo, 2008.

MACIEL, Luíza Vieira e OTTO, Clarícia. **Consciência histórica sobre a África e a cultura Afro-brasileira**. Revista História hoje, v. 5, nº 10, p. 231-254, 2016.

MORENO, Helena Wakim. **Ensino de História da África e o conceito de consciência histórica de Jörn Rüsen: um estudo de caso a partir de uma turma do 8º ano da rede municipal de São Paulo.** Revista do programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. Ano 1, número 1, Volume 1 – Junho, 2016. Pp. 291-308.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **O ensino da história da África em debate: uma introdução aos estudos africanos.** In: RIBEIRO, Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro et. al (orgs.). História e cultura afro-brasileira e africana na escola. Brasília: Ágere, 2008, p. 29-49.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da História: uma teoria da História enquanto ciência.** Curitiba, Editora: UFPR, 2015.

_____. **Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história.** Revista História da Historiografia (on-line), Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), nº 02, p. 163-209, março 2009.

_____. **Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão.** Práxis Educativa. Ponta Grossa, 1(2): 7-16, jul./dez. 2006.

_____. **Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica.** Brasília: Editora da UnB, 2001.

ZERBO, Joseph Ki (org.) **História Geral da África**, Volumes I / 2ª. Ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

APÊNDICE A – Questionário de pesquisa diagnóstica



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - CAMPUS ANANINDEUA

**QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DIAGNÓSTICA: OS SABERES
HISTÓRICOS SOBRE A ÁFRICA E OS AFRICANOS.**

PESQUISADOR RESPONSÁVEL

ALERRANDSON AFONSO MELO PINON

IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

NOME: _____

IDADE: _____

SEXO: _____

RELIGIÃO: _____

COR/RAÇA: _____

ESCOLARIDADE ANO/SÉRIE: _____

INSTRUÇÕES: Você está recebendo um questionário de perguntas abertas, onde as respostas devem ser de orientação pessoal, devendo o participante recorrer aos seus saberes prévios e experiências adquiridas no dia a dia assistindo televisão, no convívio familiar, frequentado a escola, e outras situações cotidianas.

1ª QUESTÃO

O que você sabe ou já ouviu falar sobre a África?

| |
|--|
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |

2ª QUESTÃO

Você acha que a África tem alguma relação com o Brasil?

| |
|--|
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |

3ª QUESTÃO

O que você estudou (leu ou assistiu aula) sobre a História da África e dos africanos na sua escola?

| |
|--|
| |
| |
| |
| |
| |
| |

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “O ensino de História da África no Brasil: recursos didáticos e digitais para uma educação voltada para as questões étnico-raciais” realizada pelo professor pesquisador Alerrandson Afonso melo Pinon, mestrando profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Pará (UFPA), cujo objetivo é compreender as interpretações do passado da África e dos africanos que são gerados no pensamento dos alunos para propor estratégias de ensino que ajudem a orientar o aprendizado na vida prática, construindo uma sociedade sem discriminação e preconceitos, daí o objetivo de educar as relações étnico-raciais.

Você receberá um questionário com perguntas abertas, onde as respostas devem ser de orientação pessoal, devendo o participante recorrer aos seus saberes prévios e experiências adquiridas no dia a dia assistindo televisão, no convívio familiar, frequentado a escola, e outras situações cotidianas. Não há riscos diretos na sua participação e os benefícios esperados, mesmo que não individualmente ou diretamente são: Aulas mais qualificadas com uso de recursos didáticos como: textos didáticos baseados em pesquisa bibliográfica e em acervos digitais, melhor direcionamento em seu aprendizado escolar com a superação de preconceitos e ideias erradas. As informações obtidas a partir desta pesquisa serão confidenciais, onde será garantido o sigilo das informações e o anonimato de todos os participantes. Ressaltamos que a participação nesta pesquisa é voluntária e facultativa, e sua recusa em participar não trará nenhum prejuízo em relação ao seu atendimento e relacionamento com o pesquisador deste projeto. Você receberá uma cópia deste Termo, onde consta meu endereço eletrônico e telefone, podendo a qualquer momento tirar dúvidas sobre o projeto e sua participação.

Alerrandson Afonso Melo Pinon
Historiador/professor de História SEDUC/SEMEC
Mestrando em ensino de História/UFPA

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Celular/ZAP: 984623731
Email: alerrandson@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Participante da pesquisa

Responsável do participante